

A ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e numerar
anual : em Portugal ao sr. David Corazzi, 43, rua
de Atalaya, Lisboa ; e no Brazil, ao sr. José da
Mello, 28, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.
Feix da minha a Paris, 1 franc.

7.º ANNO.— VOLUME VII.— Nº 20

PARIS 20 DE OUTUBRO DE 1890

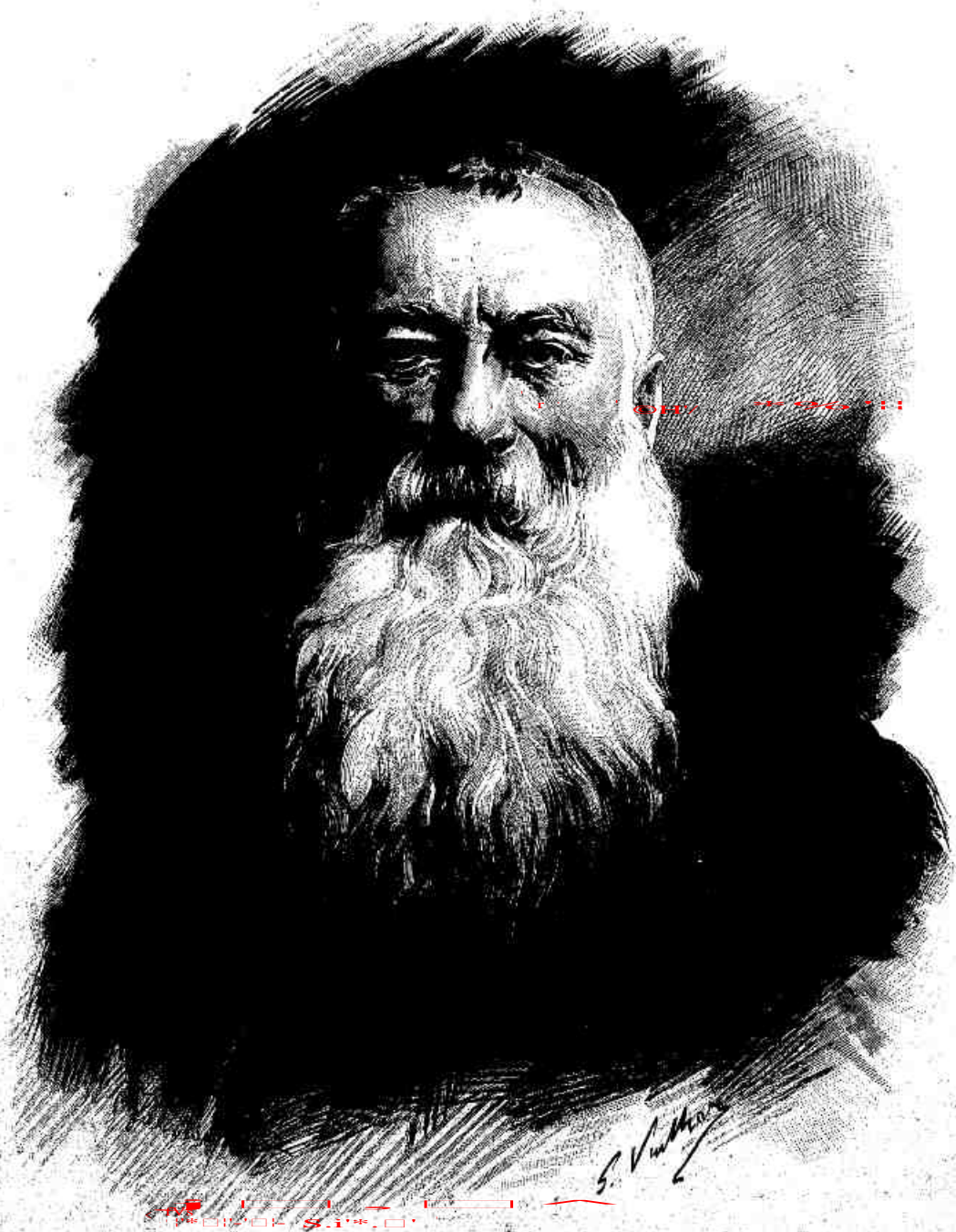
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 43, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS :

ANNO S. 40000 REB
SEPTUILLIB. 1.20000 —
TRIMESTRE 60000 —
ANNUAL S. 100000 —



ALPHONSE KARR, FALLECIDO EM 30 DE SETEMBRO.



CHRONICA

ALPHONSE KARR

As pessoas que tem entrado no meu gabinete de trabalho — modesto gabinete empoiteirado n'um quarto andar de Paris — tem podido ver, por sobre a minha banca, os retratos de trez escriptores que se chamam — Proudhon, Karr e Rochefort.

São trez das minhas grandes admirações, são trez das minhas grandes adorações litterarias.

Proudhon é o pensador incomparavel, o philosopho, o economista, o politico, o critico, que mais ideias semeou na segunda metade d'este seculo; o socialista excommungado por toda a burguezia do tempo de Napoleão III, por que annunciou a crise social em que hoje nos debatemos, porque previu em 1860 todos os perigos que adviriam para a França d'uma potencia alemã, assim como d'uma unidade italiana, e porque pregou o tão guerreado *federalismo* e a tão guerreada *descentralização*, que hoje parecem ser os unicos recursos para a salvação de certos paizes gastos pelo *parlamentarismo* e pela *centralização* descenfreada.

Karr é o meu segundo Deus, pela serenidade do seu espirito, pela bondade da sua alma, pela vivacidade da sua critica e pittoresco das suas reflexões, por este perfume particular de bom humor, *verve* gauleza e saúde perfeita, que as suas paginas exhalam. Folhear as *Guêpes* é para mim tão grato e tão risonho, como almoçar na companhia d'um amigo querido, n'um restaurant de Paris, ouvindo-lhe confidencias e anedoctas, e sairmos depois de braço dado, fumando um charuto, ao longo dos boulevards, por uma d'estas tardes de outubro, que o sol aquece e doura, alegrando tudo — as arvores, as casas, as flores, as mulheres, e até mesmo os enterros...

Rochefort, esse então não é só um Deus, é para mim um Diabo tentador, que sempre me seduz e sempre me atrasta, pela audacia, pela ironia, pelo vigor da polemica, pela doida phantasia das suas chronicas, e em cuja prosa se sente prepassar o que quer que seja do mesmo fogo mysterioso e diabolico que enflamma as polemicas e as criticas de Voltaire.

E' pois com verdadeira magua que hoje lhes falto de Alphonsé Karr, fallecido ha pouco em Saint-Raphael, para onde se havia retirado ha muitos annos, e onde passava os dias cultivando flores e escrevendo artigos para o *Moniteur universel*.

Para a actual geração litteraria, Alphonsé Karr havia já morrido ha muito tempo. E os novos escriptores francezes, nos necrologios que lhe traçaram, foram injustos e cruéis para com o auctor das *Guêpes*, por não ter deixado uma obra mais solida e mais duradoura.

Mas por acaso pode ser solida e duradoura a obra d'um jornalista?

Alphonsé Karr passou a maior parte da sua vida d'escriptor analysando os homens e os acontecimentos do seu tempo. Os homens morreram, os acontecimentos passaram. Podia por acaso a critica ficar de pé, vivendo uma vida propria, quando o individuo ou o acontecimento que a inspiraram haviam de todo desaparecido?

Um outro grande escriptor da sua geração, foi Emile de Girardin. Quem é ahi capaz de lhe negar o immenso talento? E por acaso a sua obra passou além da sua morte?

Se hoje se não lê Alphonsé Karr nem Emile Girardin, com a mesma curiosidade e o mesmo interesse com que se lê Proudhon e Louis Blanc, é porque aquelles escreviam *artigos*, enquanto estes escreviam *livros*. Mas dêem-se ao trabalho de folhear os *livros* de uns e de ler os *artigos* de outros, e encontrarão em todos o mesmo cunho, a mesma superioridade de talento, que tanto distinguiram os publicistas da monarchia de Julho e do segundo imperio.

Quem conhece hoje Edmond About, a não ser por um ou dois volumes que elle meditou e trabalhou nas horas de repouso da sua brilhante carreira de jornalista? Quem é que relê os artigos de Prevost-Paradol? Quem é que relê os artigos de Neftzer? Quem é que relê as chronicas do *Figaro* de Rochefort, ou os numeros da sua famosa *Lanterne*?

Obras solidas e duradouras! Mas quem é que as pode escrever, a não ser o artista, ou o philosopho, a não ser Balzac, ou Auguste Comte, a não ser Victor Hugo, Zola, Taine ou Renan? E podemos por acaso ter a certeza de que as suas obras sejam realmente bem solidas e bem duradouras?

Alphonsé Karr, assim como Girardin, escrevia apenas a critica de momento, a critica do homem ou do acontecimento que durante uma hora, um dia, ou uma semana, chamavam a attenção do publico. Os seus artigos respondiam a exigencias instantaneas da opinião, o que não quer dizer que esses artigos não fossem superiormente escriptos.

Os philosophos como Taine ou Renan, fazendo a analyse, não de acontecimentos humanos de um dia, mas do estado de espirito d'uma geração, abrangem com a sua critica maiores espaços de tempo e maiores porções de humanidade, — o que não quer dizer que os seus estudos vençam a indifferença dos seculos futuros. Quando a geração ou o seculo que elles procuram criticar deixar de interessar a humanidade, os seus livros hão de ficar esquecidos nas bibliothecas, como os artigos de Karr ou de Girardin que criticavam acontecimentos que poucos hoje conhecem, ou pelos quaes ninguém hoje se interessa.

Não é bem extraordinaria toda a obra de Saint-Beuve? Pois á proporção que vão ficando esquecidos os livros que o grande critico commentava, os *livros* de Saint-Beuve vão perdendo o encanto e a grandeza que se lhes encontrou na primeira leitura.

Nada n'este mundo é solido, nem duradouro, isto é, nada n'esto mundo pode, passado um seculo ou dez seculos, despertar o mesmo interesse e a mesma curiosidade que despertou no momento da sua appareição.

Alphonsé Karr já não era do nosso tempo, já não interessava a nossa geração, porque era um dos raros sobreviventes de 1830, e conservou-se sempre 1830 até á hora da morte.

Transigir ou transformar-se, para quê? Para agradar á nova geração litteraria, que por sua vez estará em desacordo com o ideal ou o ponto de vista da geração do seculo XX?

Vêo ao mundo das letras com os *romanticos* e com os notaveis publicistas do tempo de Carlos X e de Luiz-Philippe. Vêo ao mundo da imprensa n'uma epocha em que só se exigia do jornalista, — que escrevesse n'uma prosa facil, de leitura agradável, e onde houvesse muito bom-senso.

Hoje o jornalismo parece desdenhar d'estas qualidades que, por parecerem simples, nem por isso deixam de ser superiores, — e o jornalista precisa recheiar-se de muitas doses de erudição para poder fallar de tudo, e ter o ar de saber tudo.

Hoje em dia o jornalista tem de ser como S. M. o ex-imperador do Brazil, que falla aos astrónomos de astronomia, aos litteratos de litteratura, aos medicos de medicina, aos agnomos de agricultura, aos philosophos de phi-

losophia, aos esculptores de esculptura, com um tom de quem sabe tanto d'esses assumptos como os mais habéis especialistas.

O jornalista *fin de siècle* tem obrigação de estar sempre preparado para em menos de uma hora escrever um artigo notabilissimo (oh! notabilissimo!) sobre os habitantes do planeta Marte, ou sobre o microbio do cholera, ou sobre a direcção dos balões, ou sobre a colonização africana, ou sobre o mal das batatas, ou sobre as amantes de Henrique IV, ou sobre o ponto do globo onde pousou a Arca de Noé.

Se no espaço d'uma hora não forjou o artigo, o jornalista não é jornalista. E se em menos d'um mez não fez cabir um ministerio, não fez rebentar uma revolução, não fez saltar as instituições, ou não deu cabo do mais solido partido politico, esse homem não é um jornalista, esse homem errou a sua vocação, esse homem só tem uma carreira aberta — a mercatoria!

Alphonsé Karr achou sempre em desacordo com a sua indole e com a sua educação, este moderno typo de jornalista.

Nasceu 1830, — e 1830 morreu. Para elle as letras ainda não eram um *officio*, mas sim uma *distracção* do espirito. No seu tempo não se dizia a um romancista:

— « Preciso para o meu jornal d'um romance de adulterio, mas que não exceda 30.000 linhas. »

Hoje assim se encommendam romances aos primeiros auctores francezes.

Foi esta transformação nos costumes litterarios que decidiu um dia Alphonsé Karr a abandonar Paris, e a ir viver isolado, primeiro para Etruria, depois para Saint-Raphael, sobre o Mediterraneo, deixando ás novas camadas a exploração d'uma carreira para a qual lhe sobejava *verve* e bom-senso, e lhe faltava esse falso encyclopedismo que se ostenta nas columnas dos jornaes.

Não se sentir do seu tempo, ou sentir que lhe foge o publico quando se foi uma celebridade durante annos, deve ser terrivel quando so não tem essa philosophia que acompanhou Alphonsé Karr até ao tumulo.

Eu conheço no meu paiz velhos entrevados das letras que não podem levar á paciência que o publico os não acclame todas as vezes que elles saem para tomar o fresco... Pois devem pôr os olhos em Alphonsé Karr. No dia em que a sua geração desapareceu e os novos tomaram os primeiros lugares, disse adeus a Paris, disse adeus a todas as glorias, e como um bom philosopho foi-se occupar do que mais amava depois das letras — que eram as flores.

Fez-se floricultor. Vendia rosas e violettas para Nice e para Paris. E como do seu tempo ainda havia um milheiro de leitores, assignantes fiéis do *Moniteur*, era para esses que elle escrevia uma chronica todos os quinze dias.

E se — como elle acreditava — o seu espirito vive agora n'uma região superior, terá a consolação de ver que ainda ha um rapaz, dos da moderna geração, que vota á sua memoria uma grande estima e um profundissimo respeito.

MARIANO PINA.

CORAÇÕES NO EXILIO

Os vossos corações, ó heróis que eu amei,
Vieram habitar meu peito enregelado,
Desde aquella manhã formosa em que eu vos dei
Meu pobre coração, meu coração maguado.

Desde então, desde então, ó loiras aqúenas,
Os vossos corações agitaram-se em meu peito,
Como pombas ideias rufando as nuvens negras
N'um pequeno ponhal immaculado e estreito.

Approximae-vos pois de mim, ligeiramente,
Vinde auscultar-me o peito e em tristes commoções
Haveis de presentir magnada e tristemente
O concerto gentil dos vossos corações!

EUGENIO DE CASTRO.



AS NOSSAS GRAVURAS

ALPHONSE KARR

Alphonse Karr, de quem acaba de fallar largamente o nosso director Mariano Pina, nasceu no dia 24 de abril de 1808. Tinha pois oitenta e dois annos.

Foi victima d'uma imprudencia, que o robusto velho succumbiu. Tendo sido surpreendido por um grande temporal e por muita chuva, continuou no seu jardim, depois saltou para dentro d'um barco, e foi levantar as linhas e as redes que tinha no mar.

Seguiu-se um resfriamento, e uma bronchite deu cabo em poucos dias d'esta constiuição magnética que permitia ao celebrado auctor das *Guêpes* conservar n'uma idade tão avançada toda a v. rdura do seu espirito e todo o vigor do seu corpo.

Alphonse Karr foi redactor, depois director do primeiro *Figaro*.

Fundou tempo depois o seu famoso pamphleto *les Guêpes* que lhe valeu o maior successo de toda a sua vida litteraria. Durante dez annos semeou n'este hebdomadario as scintillas mais vivas do seu espirito, satyrisando todos os factos da vida politica litteraria. As *Guêpes* tiveram no r. inado de Luiz-Philippe uma voga sem precedentes nos annos do pamphleto. Podia dizer-se que annos mais tarde as *Guêpes* inspiravam a Rochefort a sua assombrosa *Lanterne* contra o segundo imperio, assim como da *Lanterne* veio a inspiração a *Ega de Queiroz* e Ramalho Ortigão para a fundação das *Farpas*.

Os seus livros mais notaveis chamam-se: *Sous les Toilets* — *Geneviève* — *Clotilde* — *Une heure trop tard* — *Le Chemin le plus court* — *Voyage autour de mon jardin* — *Pour ne pas être treizié*, etc.

Além d'estes livros de pura litteratura onde domina uma grande sentimentalidade poetica, ha tambem a citar a notavel serie de volumes de critica e de satyra, taes como: — *La Soupe au caillon* — *Messieurs les Assassins* — *Roses et Charbons* — *A bas les masques* — *Le Règne des champignons*, etc.

E' por todos esses livros encantadores que se encontra o espirito, a satyra e o bello humor de Alphonse Karr, — pensamentos adoraveis como os que encontramos agora ao acaso:

« O numero dos escriptores é já innumeravel e vae e ira sempre crescendo, porque é o unico officio, assim como a arte de governar, que se cusa praticar sem os ter apreendido. »

« A vaidade é a espuma do orgulho. »

« Vejo que o homem tudo aperfeição em torno d'elle; mas não vejo que se aperfeição a si proprio. »

« Uma mulher não é com dignidade esposa e viúva senão uma vez. »

« Os mendigos roubam os pobres. »

« Os poetas nascem na provincia e morrem em Paris. »

« A felicidade! E' aquella casa tão risonha, com os telhados cobertos de musgo e de irris em flor. E' preciso estar de fóra; » entramos lá para dentro já a não vemos. »

« Li algures: O tamanho das estatuas diminui quando d'ellas nos afastamos; e o dos homens quando d'elles nos aproximamos. »

Alphonse Karr era filho d'um allemão, e apesar de francez, encontra-se nos seus primeiros escriptos o que quer que seja d' melancolia germanica. E' só nas *Guêpes* que o espirito francez se revela, apresentando-nos um Alphonse Karr, digno de fazer parte da familia do Voltaire, de Chamfort e de Rivarol.

Alphonse Karr não quiz collaborar em nenhum

jornal francez enquanto durou o imperio de Napoleão III. Fixou a sua residencia em Nice em 1867, quando Nice ainda pertencia á Italia. Alguns annos depois da annexação de Nice á França, foi morar para Saint-Raphaël, n'uma adoravel vivenda que elle denominou: *La Maison close*.

AS MANOBRAS DO EXERCITO FRANCEZ

Para complemento das gravuras que publicamos no ultimo numero acerca das grandes manobras do exercito francez, que tão falladas foram em toda a imprensa europcia, — damos hoje uma pagina da revista militar que se realizou no campo de Nierghies, proximo de Cambrai, no dia 15 de setembro. Foi a revista das tropas do 1.º e 2.º corpos.

Estas tropas estavam entiletradas em trez linhas enormes, mediado de frente a infantaria 2:500 metros, a artilheria 2:000 metros e a cavallaria 1:500 metros.

A's nove horas, a carruagem do sr. Carnot, presidente da Republica franceza passou pela frente das tropas. Os soldados apresentam a rmas, as bandeiras inclinam-se, os officiaes cumprimentam com a espada, rufam os tambores, soam os clarins, e as musicas tocam a *Marsellhesa*.

Na calçada do sr. Carnot, puxada por seis cavallos d'artilheria, vão-se o presidente, de cascaca com a banda e a placa de grã-cruz da Legião d'Honra, terço ao seu lado o sr. de Freycinet, ministro da guerra. Na frente vão sentados os generaes Brault e Brugère. A' portinhola da direita galopa o general Billot, a portinhola da esquerda o general Pesme. Atraz seguem o estado-maior e os officiaes estrangeiros, entre os quaes se vê o addido militar a nossa legação de Paris, o sr. Visconde de Pernes.

E' este bello espectáculo militar que a nossa estampa reproduz com a maior exactidão e pittoresco.

JEANNE SAMARY

Quer a fatalidade que este numero, que vae ser distribuido nos nossos assignantes de Portugal no dia de finados, seja um numero verdadeiramente funebre.

Na primeira pagina damos o retrato de Alphonse Karr fallecido em Saint-Raphaël: dentro damos o retrato da graciosa e incomparavel actriz da Comedia-Franceza, Jeanne Samary, cujo nome é conhecido em todo o mundo artistico.

A morte arrebatou-a em poucos dias, na flor da idade, em pleno triumpho. Esta encantadora e espirituosissima artista, que era a mais dedicada esposa e a mãe a mais torna, notavel como actriz e notavel como mulher, pelas qualidades do seu coração, pelas suas virtudes infinitas, morre em Paris, no dia 18 de setembro, aos trinta e trez annos d'idade, victima d'uma febre typhoide!

A' beira da sepultura disse o sr. Larroumet, director geral das bellas-artes:

« Não era uma *soubrette*; era a verdadeira *soubrette* de Molière, isto é, a filha da raça franceza por excellencia, a que resumio o claro bom-senso, a recidão d'espirito, a saudavel alegria da nossa raça. Ao dom do riso juntava-se o dom das lagrimas, porque a actriz sentia tão profundamente a sua propria dor como a dos outros. »

O sr. Claretie, administrador da Comedia-Franceza acrescentou:

« Na historia do nosso theatro, nas gloriosas recordações da Comedia-Franceza, o nome de Jeanne Samary ficará sempre como um duplo exemplo: o de uma incomparavel actriz, o de uma esposa adorada e honrada... »

« Em nome de todos, com uma dor profunda, digo-lhe obrigado pelos seus bons e brilhantes serviços, e digo-lhe adeus. Adeus á sua imagem risonha, á sua mocidade, ao seu talento, a todos esses dons que jamais serão equalados e que jamais serão esquecidos! »

Jeanne Samary nasceu no dia 4 de março de 1857, em Neuilly. Sobrinha de Augustine e Madeleine Brohan, entrou em 1871 para o Conservatorio, para a aula de Bressant. Em 1874 obtinha o primeiro premio de comedia e debutava com successo no dia 24 d'agosto do mesmo anno, na Comedia-Franceza, no papel de Dorine. Em 1882 casou com Paul Lagarde, um distinctissimo advogado de Paris.

Aos que applaudiram, como nós, Samary na Comedia-Franceza, lembramos-lhes apenas a *Suzana do Monde ou Fon l'ennuie*, a criada do *Tartufo* e a extraordinaria criada das *Précieuses ridicules*, quando esta comedia era tambem desempenhada pelos dois Coquelins.

BELLAS-ARTES. — O DIA DO FUNERAL

N'esta scena oriental d'uma côr tão imprevisita, o notavel pintor dos paizes do sol de novo nos apresenta as magistrais qualidades do seu talento.

O orientalista que tantas vezes nos tem mostrado os interiores do harem e os pittorescos agrupamentos da multidão africana, sob o azul intenso do céu, mostra-nos hoje uma scena inteiramente oposta áquellas a que nos tem habituado.

E' um dia de funeraes. O luto plana sobre a habitação. No meio d'uma sala, de marmores e de fayanças claras, o cadaver do senhor está estendido, rigido e frio. Sobre o tapete em que repousa, collocaram tudo quanto em vida lhe era mais caro: as suas armas, a bandeira da patria, e, para apoiar a cabeça, a sella do corcel favorito que elle montava durante os combates. As mulheres cobertas de véos estão sentadas em volta do morto, mudas e immoveis.

Esta composição d'um caracter imponente e poetico é uma das mais admiradas do notavel pintor das scenas do Oriente. Benjamim Constant revela-se aqui o mestre consumado que tantos successos tem grangendo nos *Salons* de Paris.

A reprodução do quadro é feita pelo nosso collaborador Ch. Baude. E' escusado insistir.

UMA ESTATUA A VICTOR EMMANUEL

Celebrou-se ultimamente em Florença o vigésimo anniversario da occupação de Roma pela Italia.

Por este motivo S. M. o rei Humberto, irmão de S. M. a sr.ª D. Maria Pia, veio a Florença presidir á inauguração da estatua equestre de seu pai, que se eleva sobre o antigo mesado, e que se ficou chamando praça Victor-Emmanuel.

A rainha, o principe de Naples e o duque de Aosta acompanhavam o soberano.

Uma multidão consideravel invadiu Florença por occasião d'estas festas; e foi muito admirado o monumento consagrado ao rei *galant'amo*, monumento que é obra do conhecido escultor italiano sr. Zocchi.

A nossa gravura representa a cerimonia da inauguração da estatua.

O INCENDIO DA ALHAMBRA

A noticia do incendio da Alhambra, uma das maravilhas architectonicas de Hespanha, causou por toda a parte uma dolorosa impressão.

Felizmente o estrago foi menor do que se temia. Só arderam alguns tetos da parte mponis interessante do edificio. Nenhuma parte essencial ficou deteriorada. E as reparações que ha a fazer não custarão muito caro.

Diz-se que alguns dias antes do sinistro, se havia notado que varios objectos artisticos tinham sido roubados do palacio da Alhambra, e julga-se que foi o ladrão que lançou fogo ao palacio para evitar assim um inquerito e a descoberta do crime.

E' de esperar que muito brevemente o palacio de Boabdil volte ao seu antigo esplendor.

BARÃO REAL **VIOLET** **SABÃO**
DE THRIDAGE **Unico Inventor** **VELOUTINE**
28, Boulevard des Capucines, Paris
Recomendados por autoridades medicals para a Higienza da Pele e do Ligeiro da Gula.

SONHO

Se um sonho vão do meu olhar desvia
O phantasma da Dor, que me tortura,
Reclino-me nas azas da Ventura,
Ouvindo as notas francas da Alegria.

São canticos de luz e de harmonia,
D'uma serena luz, que só fulgura,
Quando o Bem aniquila a Desventura,
E nos ampara a vida fugidia.

Palpita então minha alma sonhadora,
Como a flor, orvalhada pela aurora,
Palpita d' luz do sol animador.

Porem, se, dominado o meu cansaço,
Accordo, estendo os braços... e abraço
A minha crua amante — a Eterna Dor!

ARTHUR MAGALHÃES.



AS GRANDES MANOBRAS DO EXERCITO FRANCEZ. — O PRESIDENTE DA REPUBLICA, ACOMPANHADO DO SR. DE FREYCINET, MINISTRO DA GUERRA, PASSANDO EM FRENTE DO EXERCITO.



A ACTRIZ SAMARY, SOCIETARIA DA COMEDIA-FRANCEESA, FALLECIDA NO DIA 18 DE SETEMBRO.



A VELHA

A NOITE, o carro deu a volta e transpôz, n'um solavanco que o fez oscillar todo, o carreiro irregular que se via junto à estrada da herdade; ao ouvirem de dentro de casa o ruído, levantaram a tranqueira d'uma porta que logo se abriu de par em par e appareceu uma mulher destacando sobre a claridade que vinha do aposento como sobre um fundo de oiro pallido.

— E's tu, Jarny?

— Sou eu, sou.

Jarny saltou bruscamente para o chão, e começou a desatrelar. Depois o cavallo, soprando forte, tomou por si mesmo, vagarosamente, o caminho da cavallaria; o dono, depois de bater fortemente no chão com os pés entorpecidos de frio, entrou em casa.

Perto da chaminé, sentada n'uma cadeira, uma velha magrissima, a mãe da mulher, piscava os pequeninos olhos avermelhados, a unica coisa que dava signal de vida no rosto cheio de rugas; não se mechiá, dir-se-hia abstracta em pensamentos que não eram d'este mundo.

Jarny pareceu alegrar-se ao vel-a; illuminou-se-lhe o semblante n'um clarão de malícia; depois, como completando em voz alta uma idéa que lhe germinára subita no cerebro, disse:

— Está arranjada a velha! Está arrumada!

E desatou a rir, esfregando as mãos de contente.

Entretanto a mulher punha sobre a mesa suja e gordurosa o comer que guardara para elle ao calor do rescaldo e olhava-o surprehendida, estranhando tanta alegria.

De ordinario, Jarny não fazia senão gritar contra a sogra, murmurar da sua inutilidade senil. A's vezes chegava a censurar a mulher, tomava conta de todas as provisões que havia em casa e olhava para ella de fôrma que parecia accusar a de encher a mãe de gulodices, em segredo, e afinal para que? para eternisar uma carcaça velha.

Deitou-se ao caldo sofredamente, ingerindo grandes colheradas; mas o rosto agora ia-se-lhe tornando mais carrancudo, parecia que não tóra bom para elle o dia, o que lhe dava um ar sombrio, aborrecido.

E, com effeito, depois de beber um copazio e de limpar os beiços á manga da blouse, contou, em poucas palavras, entre duas garfadas de peixe secco, o que lhe succedera. Nada lhe tinha corrido bem; o trigo fôra vendido muito barato; o recebedor dos impostos recusára attendê-lo nos seus pedidos, e não houvera mais remédio senão puxar pelo dinheiro. As rugas do rosto trahiam-lhe a zanga; dir-se-hia que n'aquelle momento se estava sentindo expoliar do seu dinheiro, dos seus queridos escudos. De repente, com o gesto heroico de um homem que sabe dominar-se, deixou de bater com a faca nas bordas do prato do queijo, voltou-se rapidamente na cadeira e ficou de frente para a chaminé.

De novo um clarão de alegria lhe illuminou o olhar.

E repetiu então:

— Está arranjada a velha! Está arrumada!

A mulher, silenciosa, interrogava-o com o olhar fixo.

E elle explicou:

— Fui á matre...

— E então?

— Depois fui ao hospital...

— Sim, e então?

— E então arranjei tudo para a tua mãe. Recebem-na. Levo-a amanhã de manhã.

Arranjara aquillo tudo, para se desembaraçar da velha, ás escondidas da mulher; e como esta não respondia logo, de admirada que ficára, proseguiu, zangado, para fazer valer as suas razões:

— Tens porventura tempo para tratar d'ella? Para a apaparicar? Que faz ella ahí? Não estará melhor lá? Ora dize, hein?...

N'isto, abrandou; sua mulher não se revoltava; pelo contrario, meneava a cabeça n'um gesto indeciso, quasi d'approvação. Elle proseguiu:

— Isto que eu digo não é a pura verdade?

Estava vencida toda a resistencia da mulher, que perguntou apenas:

— E custa dinheiro, isso?

— Nada, absolutamente nada.

E ficaram ambos calados.

A velha, immovel, corecova pelos annos e pelos arduos e longos trabalhos, agitava os labios delgados e pallidos, quasi invisiveis, n'um mysterio murmurio, n'uma oração, entregue á qual iria talvez pouco a pouco adormecendo.

II

Pela manhã nevava.

Jarny, porém, com a pressa de se desembaraçar da velha, teimou que havia de levá-la, que não esperava nem mais um dia, nem mais uma hora. Não era por elle, que não tinha o menor gosto de a tirar de casa com aquelle tempo, mas é que depois não queriam já recebê-la no hospital, que aquillo fiava muito fino. E, de resto, indo bem agasalhada, não havia duvida...

Efectivamente tinham-na embrulhada na sua velha capa branca toda amarellecida pelo tempo; depois, na carroça, pizeram-lhe ainda umas roupas e uma esteira suja para ella se encostar em cima, e cobriram-lhe a cabeça com um sacco de linhagem.

Fôra preciso, porém, içá-la, e os membros paralyticos da doente haviam tido contracções com o se aos ouvidos d'ella tivesse chegado a palavra hospital. Era como que o espanto de um animal decrepito a quem foram arrancar do canto onde se arrumára para morrer, o terror do velho que, ruminando sem cessar a idéa da morte, sempre presente ao seu espirito, sem se importar da vida senão com as quatro paredes entre as quaes agonisa e com o cemiterio que o espera, se agarra ainda assim a essa mesma vida prestes a fugir, aos moveis que lhe são familiares, ao lar, que synthetisa para elle o mundo.

A filha exhortava-a, muito meiga, tendo apenas de ora em quando uma ou outra phrase de recriminação contra a teimosia dos velhos. Que estaria melhor no hospital, dizia-lhe. Depois, iriam vel-a todas as quintas-feiras, dias de mercado.

Mas Jarny, impaciente, fustigou o cavallo, e o vehiculo, oscillante, rodou pelos carreiros e chegou afinal á estrada marginada de campos embranquecidos pela neve.

— Eh! Arre, besta!

O frio entorpecia os dedos de Jarny e açoitava-lhe o rosto, gretando-lhe a tez adusta. Agora, finalmente desembaraçado, certo de que a velha já não me comerá mais pão em casa, não pensava no lucro de d'ahi lhe viria. Deitava a conta, pelo contrario, á despeza que ella lhe fizera durante um anno, em que fôra absolutamente inutil. Imaginava o que esse dinheiro teria rendido empregado d'outra fôrma, e o seu espirito, mais habituado a correr em revista o passado do que a penetrar o futuro, um d'esses espiritos que repisam os factos consummados tal como os bois ruminam os alimentos, sentia-se amargamente impressionado por ter esperado tanto tempo. Parecia-lhe que todo esse dinheiro lho roubára a velha da algebeira, como na véspera o recebedor dos impostos.

— Eh! Arre, besta!...

Mas na ladeira teve de diminuir a andadura. O cavallo puxava com esforço, quasi arrastando-se. Jarny segurava as redas attentamente, fazendo estalar o chicote por sobre a cabeça do animal, para o estimular.

Entretanto o frio tornava-se cada vez mais vivo, augmentado pelo vento.

No topo da ladeira, uma casa punha na alvura uniforme da estrada a nota negra das suas paredes velhas e sujas. Era uma taberna, como se deprehendia da taboleta — *O repouso da montanha*, — onde a gente que voltava do mercado costumava descansar e molhar o bico.

Ao ouvir estalar o chicote, Gaulard, o dono da tascas assumou á porta.

Jarny, sem dar por isso, affrouxára o andamento. Por habito, decerto, o cavallo parou. Então Jarny deixou-o resfolegar, emquanto Gaulard, do limiar da porta, perguntava:

— Que diabo te traz por cá, com um tempo d'estes?

Jarny explicou o caso em duas palavras, praguejando contra aquella maçada. O outro approvou, acerescentando:

— E não vens beber uma golada?

E ao mesmo tempo affastava-se, como para o deixar passar, e manevava a cabeça d'um modo significativo.

Jarny hesitou. Desde que alli chegára que o estava a tentar um bom fogo reconfortante que via chamejar atravez das vidraças; depois sentia um certo rancor contra o taberneiro e uma grande vontade de desforrar-se d'uma partida que, aliás por culpa sua, elle lhe ganhara na véspera.

Mas inquietava-o a velha; nem era bom pensar em a tirar e tornar a pôr na carroça. Olhou para ella. Sob o capuz da capa, o rosto rugoso mostrava-se, avermelhado do frio. E o rendeiro pensou:

— Ora! Está bem coberta!

E o taberneiro acabou de o decidir, voltando fôra com um oleado para cobrir o cavallo, e dizendo:

— Vamos a isto depressa!

III

Jarny não queria jogar senão uma biscada, mas Gaulard ganhou logo, elle quiz continuar e perdeu mais duas vezes a fio. Levantou-se, afinal, atirando com as cartas.

— A' volta tirarei a desforra, — disse elle. — Este diabo que ahí trago no carro é que me dá azar!...

De resto era melhor acabar a jornada.

Quando Jarny saltou para a carroça, esta oscillou como um castello de cartas.

E pegando nas redas, o campones praguejou:

— Olha a besta! Fui eu que bebi e ella que se embebedou!

Mas, ao partir, quando agitava o chicote, a velha cahiu para o fundo do carro, n'um movimento automatico de manequeim, e ficou de pernas para o ar.

Jarny fez parar o carro e inclinou-se para ella, um tanto ou quanto assustado. E' que já não tinham brilho os olhinhos que se destacavam immoveis no rosto encarquilhado, agora muito pallido, da pobresinha.

— Que diabo! — disse Jarny.

O taberneiro approximou-se:

— Ah! Agora já não tens que ter pressa de chegar.

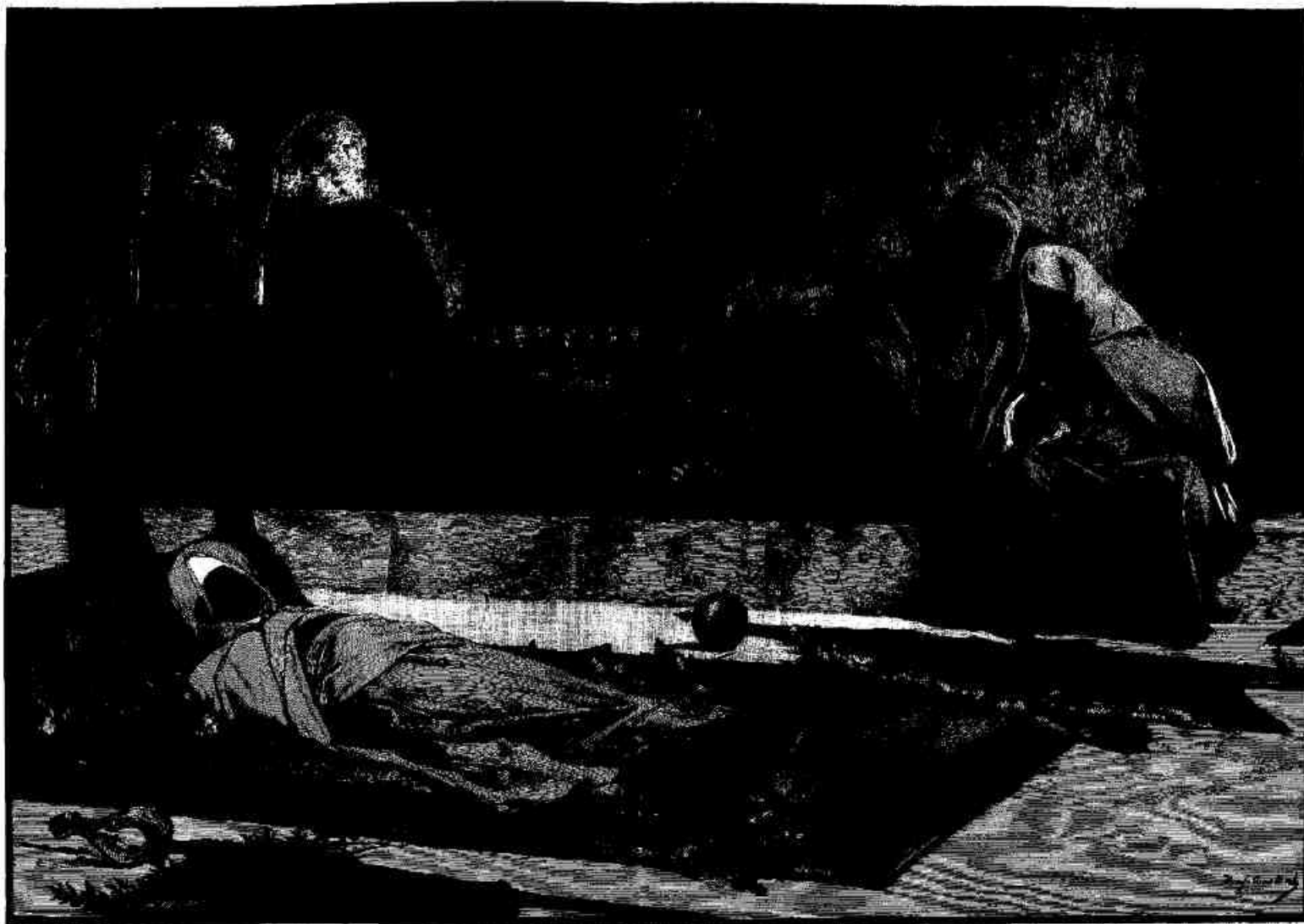
Depois, affectando condolencia, proseguiu:

— Ora! Nesta idade não havia que esperar outra coisa... Coube-lhe a vez...

Jarny, inquieto, coçava a cabeça e murmurava:

— Quem diabo havia de dizer?!... Mas ninguém me pôde accusar...

Machinalmente, foi pegar na velha, senta-a outra vez, como se ella estivesse viva. N'isto veio-lhe á cabeça putra idéa:



A Illustração, n.º 10. — 10 de outubro de 1890.

BELLAS-ARTES. — NO DIA DOS FUNERAES. — (SCENA DE MARROCOS). — QUADRO DE BENJAMIN CONSTANT.

— E recebel-a-hão assim no hospital?
— Estás arranjado!...
— Pois olha que então despejo-lhes a porta a carga da carroça!...

E d'ahi começou logo a pensar n'outra coisa. Tornou a arrepender-se de ter esperado tanto para se desembaraçar da velha.

Desesperava-se só de pensar que o hospital já não teria coisa alguma a dispendor com ella, que só elle aguentára a carga de principio a fim. Era como que mais um roubo que lhe faziam e que o impacientava deveras. Resmungou contrariado:

— Velha burra!

Depois, saltando bruscamente da carroça, berrou para o tasqueiro:

— Vem d'ahi, com seiscentos diabos! Dá-me a desforra!

E os dois homens tornaram a entrar na taberna: e enquanto elles batiam as cartas ao clarão da lareira, a velha lá ficava morta, na carroça, e a neve, cahindo-lhe sobre o rosto já livido, embranquecia-o, equalava-o á alvura uniforme da estrada...

JEAN RICHUPIN.



MAXIMAS

E' tão difficil fazer comprehender alguma coisa a uma mulher pela razão, como é facil de a convencer pela commoção.

Considerai sempre os libertinos como homens ingenuos, porque é preciso ser muito ingenuo para imaginar que se pode encontrar a felicidade onde os libertinos a procuram.

Os homens olham as mulheres da cabeça até aos pés, as mulheres olham os homens dos pés á cabeça.

Fazer alguma coisa, de pouco serve; dizer, não serve para nada.

Deus fez os imbecis para que os homens d'espirito lamentem menos a vida.

O que me desola, é ver que o genio humano tem limites e que a asneira humana os não tem.

Só tem apêgo á vida, os que se occupam de coisas insignificantes.

A cadeia do matrimonio é tão pesada que são precisos dois para a levar — ás vezes trez.

Comtudo, de todas as tolices que o homem pode fazer, é ainda o casamento o que lhe aconselho sinceramente; é talvez a unica que o homem não pode recommençar todos os dias.

Comecemos por admirar o que Deus nos mostra, e não nos sobrejard o tempo para procurar o que elle nos occulta.

E' mais facil ser bom para toda a gente, do que para uma só pessoa.

Algumas vezes ligamo-nos mais a uma mulher pelas infidelidades que lhe fazemos, do que pela fidelidade que ella nos guarda.

E' muitas vezes a mulher que nos inspira as grandes coisas que ella nos impede de realisar.

Pergunta-se porque é que a natureza que organisou tão bem o homem para o mal, o organisou tão mal para o bom.

Quinhentos por cento em amor, duzentos por cento em amizade, eis o que nós queremos que produzam os sentimentos humanos.

Só censuramos nos outros os defeitos dos quaes não tiramos nenhum proveito.

As mulheres muy raras vezes se entendem entre si, excepto sobre o mal que ha a dizer d'uma outra mulher.

Gostava tambem de saber porque é que as mulheres, que tanto se irritam quando alguma vez dizemos mal do seu sexo, são tão implacaveis umas para as outras.

O homem é a unica coisa que faz duvidar de Deus.

Um dos meus amigos, muito mandraço, dizia: « E' inutil aprender durante a vida, pois que se ha de saber tudo depois da morte. »

Os homens são tão covardes e tão servis que se os seus tyrannos lhes dissessem que se amassem, — até se adoravam.

Não é a maldade que faz o maior mal, é a estupidéz.

Gosto mais dos maus do que dos imbecis, porque tem momentos de repouso.

Que as mulheres gravem bem isto na memoria: « Que só é digno do seu amor, aquelle que as julgou dignas do seu respeito. »

Aquelles que amamos e que perdemos, já não estão onde estavam, mas estão em todos os sitios onde nós estamos.

O sentimento que o homem tem da eternidade n'um outro mundo, vem-lhe da raiva de não ser eterno n'este que habitamos.

O homem foi creado para utilizar tudo, mesmo a dor.

A venalidade da mulher é o castigo d'aquelle que a compra.

Todas as mulheres querem que as estimem, importando-se menos que as respeitem.

A unica coisa que ainda me espanta, é que ainda alguém se espante d'alguma coisa.

ALEXANDRE DUMAS.

NEVER MORE

A JOAQUIM DE ARAUJO.

*Ainda agonisante, ainda latente,
— ave ferida, em cheio, sobre o rio —
cde a minha ultima illusão ridente
da noite infunda no athaude frio...*

*Sonissomos, n'um côro, longamente,
os meus sonhos, em séquito sombrio,
clamam: — Bemvinda! — á doce irmã silente,
a cuja perda esta amargura alio...*

*— Agora e sempre!... — canta o Amor passando,
em luz e aroma rapido nadando,
como nada a minha alma em fundos ais: .*

*Mas, dos sonhos o bando lufulento,
como nuvens varridas pelo vento,
dissolve-se, bradando-me: — Jamais!...*

MANOEL DE MOURA.



A CARA

OO

AMIGO ANSELMO

FOL ha sete annos que eu vi pela primeira vez o meu amigo Anselmo.

Elle era de Lisboa como eu, e como eu aqui nato e creado, mas eu não o conhecia, nunca o tinha visto, e se por acaso o vi algumas vezes não tinha dado por elle.

E não admira, porque o Anselmo pertence a uma raça de individuos que é difficilima de fixar.

Nunca vi nadu de mais parecido com toda a gente do que elle é.

A gente a primeira vez que o vê julga tel-o visto já muitas vezes, e quando o vê muitas vezes pensa que é a primeira vez que o viu. Nem muito alto nem baixo, como toda a gente; nem trigueiro nem claro, da cor de toda a gente; boca regular, olhos regular, nariz regular; todo elle muito regular, da regularidade terrivel dos milhares de exemplares da mesma edição da mesma obra.

Eu conheci-o na viagem á Hespanha em 1883, ha sete annos, vivi com elle em Madrid durante tres semanas, voltei com elle para Lisboa, e depois continuei a não conseguir conhecê-lo.

Passados mezes, no Porto, n'um dia de procissão, vi de uma janella da calçada dos Clerigos um sujeito mettido entre senhoras, pôr-se de lá a dizer-me muitos adeus, com o sorriso amavel, alegre, de uma grande intimidade.

Olhei em torno de mim para ver a quem se dirigiam aquelles cumprimentos tão rasgados.

As pessoas que me estavam proximo conversavam distrahidas, sem olhar sequer para a janella.

Não podiam ser para ellas os cumprimentos; portanto, eram para mim.

Olhei outra vez para lá e o homem desfez-se novamente em acenos de cabeça, em adeus com as mãos.

Sem saber quem elle era, levei delicadamente a mão ao chapéu e fiz-lhe uma cortezia.

A procissão vinha a passar n'esse momento.

Estive a vê-la passar com a curiosidade de um *touriste* e não pensei mais no homem do cumprimento.

Depois de passar o cortejo, eu descia tranquillamente a calçada, quando de repente sinto uma forte palmada nas costas.

Voltei-me admirado.

Um sujeito que eu não conhecia estendia-me os braços, abertos em cruz, n'uma grande expansão de amizade.

— Ora viva! Como está você!

— Bem, muito obrigado, respondi eu.

E ia para acrescentar que o sujeito estava equivocado, que me tomava por outro, mas elle não deu tempo a este meu protesto e continuou logo:

— Você ainda agora não me conheceu? Eu logo vi! Pelo cumprimento que me fez, todo cerimonioso, todo diplomatico.

— O cumprimento?

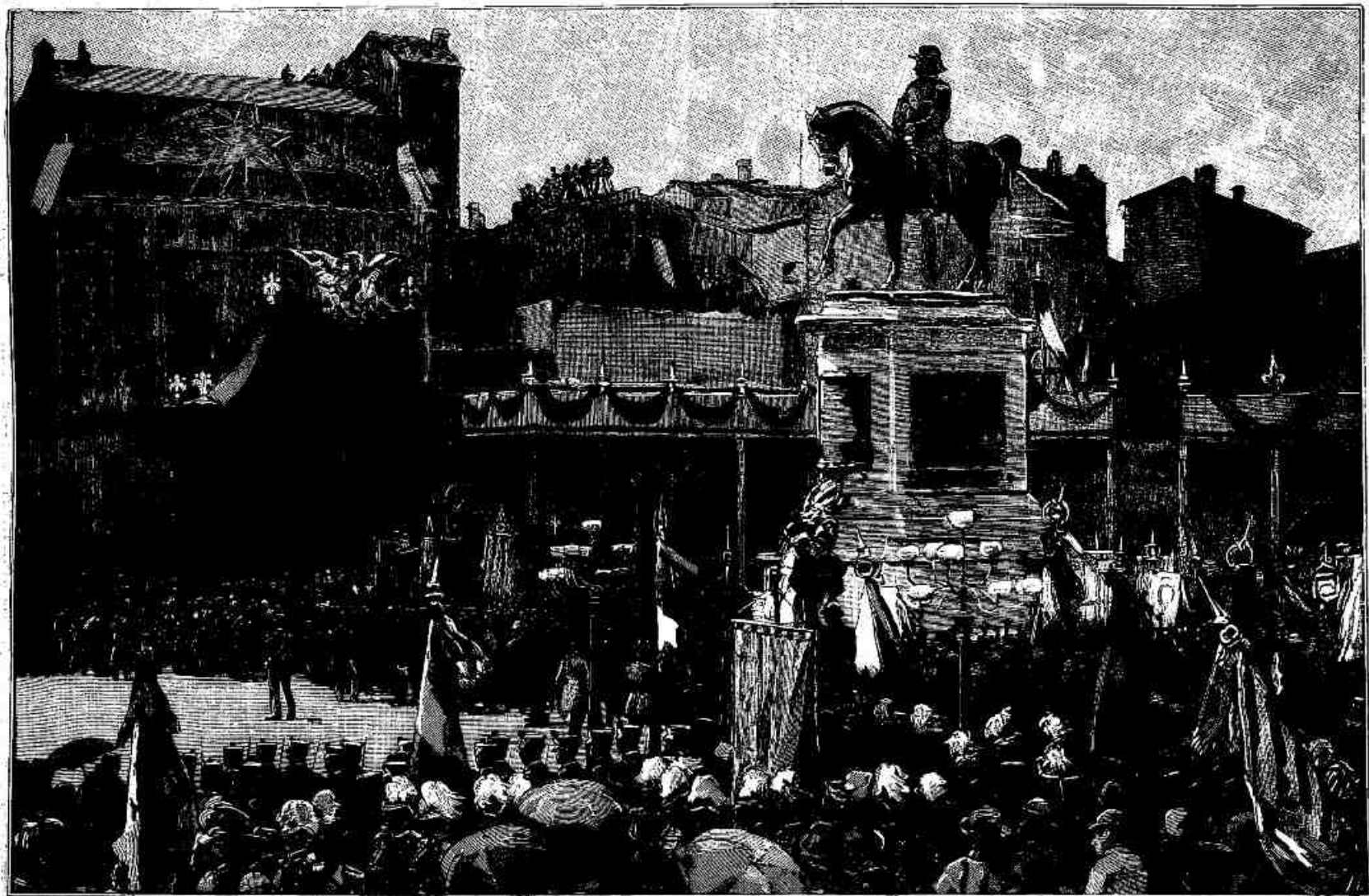
— Sim; quando eu lhe disse adeus, ali da janella.

E apontou para a janella onde eu vira o tal homem cumprimentei-o.

— Ah! era o senhor...

— Era, era, logo vi que você não me tinha conhecido.

— E' verdade, não conheci, respondi eu com



ITALIA. — INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE VICTOR EMMANUEL, EM FLORENÇA, EM PRESENÇA DO REI E DA RAINHA DE ITALIA.

A MODA PARISIENSE

Os mezos do setembro e outubro, conforme as prophecias d'alguns doutos astrónomos, pela clemência da temperatura e belleza das tardes e das noites, indemnizou as parisienses dos rigores dos mezes precedentes. Em julho e agosto dir-se-ia que estávamos em pleno inverno...

E que desconsolo! Tinham-se mandado fazer lindos vestidos, cuja ligeireza devia attenuar os calores estivais, e não houve uma só vez occasião de os pôr! Como foram mais felizes as damas da sociedade lisboense, que puderam exhibir as maravilhas das suas *toilettes* em plena céntrica, na festa da sr.^a duquesa de Palmella, e nas tardes da *Kermesse*, sem recararem um só instante o mau tempo!

Felizmente que em França a abertura da caça deu um novo *elan* à vida do campo. Estas festas são sempre pretexto para excellentes reuniões mundanas. As castelãs abrem de par em par os portões dos seus *chateaux*, e a alegria reina por toda a parte.

A noite dança-se, representam-se algumas comédias, faz-se *toilette*, o que é um excellent moivo



para exhibir as vaporosas creações que o presistente mau tempo havia condemnado à reclusão... E é um lindo espectáculo ver brilhar à luz do gaz ou da luz electrica estes deliciosos vestidos com o brilho que o sol em França lhes recusou.

Os exercícos do corpo, n'estes ultimos tempos tão preconizados para o desenvolvimento da infancia, estão também sendo muito usados pelos adultos. Estão em moda os exercícos violentos. Entre os passatempos actualmente em voga, o que mais predomina é o *lawn-tennis*. Como sabem, n'este jogo, a destreza vale mais que a força. As senhoras e as creações podem jogar-o, obtendo brillantes successos.

Jogar o *lawn-tennis* com um vestido de cidade é pouco pratico; é preciso haver uma grande liberdade de movimentos, d'isto depende o successo. Adoptou-se para este *sport* uma saia especial, de lã, um quasi nada curta. Eis dois modelos cuja originalidade merece menção especial.

Saia curta em *serge* azul-marinho com listras brancas; o corpete fôrma blusa de caça de pregas lisas, apertada na cintura por um cinto de couro branco bastante largo; o collarinho e os punhos d'esta blusa são igualmente de couro branco; um



chapeo azul, a fita e as abas do verniz branco, completa esta graciosa phantasia.

Um outro costume mais elegante ainda. Uma saia curta de lã branca na qual estão semeados desenhos a encarnado de *raquettes* é o instrumento com que se atira e se apara a pêla no *lawn-tennis*. Camisola em *jersey* de seda listrada com largas listras encarnadas e brancas; e um casaco de fazenda branca sem mangas, bandas de seda branca. As mangas estão ligadas ao corpete e são da mesma fazenda. Para a cabeça um bonnet napolitano, e como calçado, sapatos amarellos sem tacões.

O que será a moda do proximo inverno parisiense...? Seria grande ousadia da minha parte pretender resolver hoje este grave problema, quando ainda ninguém penetrou o segredo dos deuses, quero dizer das deusas do Olympo de Paris. De que nasce a moda? d'uma multidão imprevisista de circumstancias, de mil nadas que fazem com que uma novidade agrade e seja reeditada um milhão de vezes, — enquanto ninguém adopta uma outra que appareceu ao mesmo tempo. A razão? É humanamente impossivel dizel-a. Inventam-se modelos constantemente, e o publico acolhe-os ou repele-os, sem saber por quê.



De resto, as elegantes pouco se preoccupam desde setembro até a primeira quinzena de outubro com o que se ha de trazer no inverno. O que as preoccupa, e com justos motivos, são os vestidos de meia-estação tão proprios para esta epocha.

Eis os conselhos que julgo poder dar às minhas leitoras de Lisboa e Porto.

As côres vivas, tão procuradas para as *toilettes* de verão, são substituidas por côres desmaiadas ou neutras. As lãs misturadas offerecem um grande sortimento de novas phantasias.

As saias deverão ser lisas, um pouco ondeadas na frente; estas ondas são produzidas por pregas caídas dos quadris. Uma camiseta de phantasia, muito alta, com muitos botões ou sem nenhum. O corpete fôrma *jaquette*, mais comprido que os corpetes ordinarios; as bandas acabam no começo da cintura.

Tal é a *toilette* de meia-estação que recomendo vivamente às minhas leitoras, n'este momento em que voltam das praias, pois que o inverno ainda não surgiu em Portugal com as chuvas e frios com que se faz annunciar em Paris, logo na primeira quinzena de novembro.

MARIE DE CANORS.

Uma boa historia *bordalaie*.
Ha cinco ou seis annos, um official de marinha francez, chamado Carjuzac, tomou-se de razões, n'um café, com um tal sr. Caminade, negociante de cereaes.

Carjuzac enviou-lhe duas testemunhas.
— Meus caros senhores, respondeu-lhes Caminade, eu não desejo outra coisa senão bater-me, mas o que é preciso é que o jogo seja igual entre os adversarios. Carjuzac é só no mundo e eu tenho tres filhos; quando elle tiver tres filhos ponho-me á sua disposição.

Carjuzac era cabeçado. Havia na sua visinhança um barbeiro, fã de um a formosa filha de olhos negros. Pediu-lhe a sua mão, casou-se e fez todos

os esforços para ser pae no menor tempo possivel. Conseguiu-o por varias vezes, sempre com a mesma idea fixe.

Ao fim de dous annos o meio, apresentou-se em casa do Caminade, com duas crianças nos braços, e seguido da ama de leite que levava o terceiro.

— Então, Caminade, exclamou elle em tom victorioso, podemos agora resolver o nosso negocio?... Tenho tres filhos.

— Pois sim, sim, responde Caminade, e eu tenho agora cinco.

Um selvagem do Alto Amazonas, atraído por um santo missionario, quer se baptisar.

— Quantas mulheres tem? pergunta-lhe o missionario.

— Duas apenas, responde o selvagem.

— Ha uma de mais, torna o padre; quando tiver só uma volte á para o baptisar.

Dias depois voltou:

— Agora só tenho uma, diz o selvagem.

— Ah! muito bem, muito bem, replica o santo missionario, tomando uma pilada. E a outra?

— A outra... comi-a!

SUSPENSORIOS MILLERET, elasticos e sem passadeiras. *Le Gonidec*, 13, r. Etienne-Marcel, Paris.



PARIS
Printemps
NOVIDADES

Envia-se gratis e franco

o catalogo geral illustrado, em portuguez ou em francez, contendo todas as novidades para a **ESTAÇÃO DO INVERNO** a quem o pedir em carta devidamente franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C^o
PARIS

são igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compoem os magnificos sortimentos do **PRINTemps** espediendos-se sem os generos e os preços.

Expediente para todos os paises do mundo. Este Catalogo indica as condições para a expedição.

Correspondencia em todas as Linguas
CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:
TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-101.

EXPOSITION UNIV^{rs} 1878
Médaille d'Or Croix de Chevalier
LES PLUS HAUTES RECOMPRESES

PERFUMARIA ESPECIAL
LACTEINA
E. COUDRAY
Fornecedores pelas Celebridades Reaes de Paris
PARA TODAS AS NECESSIDADES DO TOUADOR

PRODUCTOS ESPECIAES
FLOES DE AROMA DO LACTEINA para aromatizar a pelle.
SABÃO DE LACTEINA para a pele e o touador.
CREME E PÓ DO SABÃO DO LACTEINA para a barba.
POMADA DO LACTEINA para a belleza dos cabellos.
ÁGUA DO LACTEINA para o touador.
ESSENCIA DO LACTEINA para enlazar os cabellos.
PÓ E AGUA DENTIFRICOS DO LACTEINA.
CREME LACTEINA chamada sabon de pelle.
LACTEINA para aromatizar a pelle.

ESTES ARTIGOS JORNAM-SE NA FÁBRICA
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS
Disponíveis em todas as Perfumarias,
Pharmacias e Cabelleiros da America.

ESTARTILHOS
LÉOTY
adaptados pelo
high-life
parisiense.
8, P. de la Madeleine
PARIS

Em todos os Perfumistas e Cabelleiros
de França e do Extranjero

A VELOUTINE
26 d'Atos
especial
PREPARADO COM DESMUTHO
Por **CH^{rs} FAY**, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

CALLIFLORE **PATE AGNEL**
Fior de Balaes
POS ADHESIVOS E INVISIVEIS
Gravos se novo modo porque se empregam estes
pelo communismo se sente uma suavissima e delicada
belica e dizem um perfume de exquiza variedade.
Além dos brancos, do roxos, do azul, do verde, do
quatro matizes diferentes, Barbet e Rosa, desde
uma palidez até a mais colorido. Poder á pelle, cada
passo, cothor a eja que male lbe convem ao rosto.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, em PARIS
FABRICA & EXPEDIÇÕES: 16, AVENUE DE L'OPERA
E nas suas Sete Casas de venda por todos os bairros mais ricos de Paris.
LISBOA — MM. V^{rs} FE CARVALHO José da Costa & F^{rs}, rua Nova do Carmo, 68 e 72.

DIGESTÕES **DOENÇAS DO ESTOMAGO** **GASTRALGIA**
ELIXIR GREZ
Dyspepsia
Perda
do Appétito
Anemia
Vomitos
Diarrhea
chronica

TÔNICO-DIGESTIVO com QUINA, COCA e PEPRINA
ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra
PARIS — GR^{ve} 27, rue La Bruyère, e em todas as Pharmacias

BELLEZA DO ROSTO
— LAIT ANTIDERMATIQUE —
O LEITE ANTEPHELICO
para o misturado com agua, dissipa
SARDAS, TÊX CRESTADA
PINTAS-RUBRAS, DORSULHAS
ROSTO BARBULENTO
E FARIACAO
RUGAS
limpa e conserva a cutis liza e clara
CAMPES & C^o 25, rue de la Harpe, 25

ORGÃO D'ALEXANDRE
Para os 511a
109, rue Richelieu
PARIS
MEDALHA D'HONRA
1889
MEDALHA D'OURO
1889

ORGÃO
DE MTO
DINAMICO
Evita males

ORGÃO HARMONIZANTE
PREÇO 100 FRANCO (1 LITRO)
ATA 5000 FRANCO (250 LITROS)
EXPEDIR-SE PRECISO A QUEM O PEDIR
e Catalogo illustrado

PILULAS de PEPSINA
DE
HOGG
Pharmaceutico
EM PARIS
2, rue de Castiglione

1^a PILULAS NUTRITIVAS
de Pepsina acidificada contra as
afecções gastralgicas, dispepticas,
etc., e nos casos em que a digestão
é difficil ou impossivel. — 5 Fr. o
frasco de 100 pilulas, 3 Fr. o meio frasco.
Dose: 2 pilulas antes e outras depois das refeições.

2^a PILULAS de Pepsina e de
Ferro reduzido pelo hydrogeneo
contra as molestias chronicas e as
afecções que dependem della (perdas
brancas, cores pallidas, menstrua-
ções difficis) e para fortalecer os
temperamentos debilitados. — 4 Fr.
o frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.
Dose: de 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

3^a PILULAS de Pepsina e de
Ferro contra as molestias
acutales, anemias, lymphaticas e syphili-
ticas, a phthisis, a cachexia
chlorotica e as afecções atonicas
geraes da economia. — 5 Fr. o frasco,
2 Fr. 50 o meio frasco.
Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

Estas tres series de pilulas são prescriptas
diariamente pelos mais conselheiros medicos.

DEPOT: nas principais PHARMACIAS do BRASIL

Mudança de Domicilio
PERFUMARIA-ORIZA
L. LEGRAND, de PARIS
11, Place de la Madeleine, (antes 207, Rue St-Honore) PARIS

PRODUCTOS RECOMMENDADOS
SABONETE ORIZA MACIO
CREME-ORIZA
ORIZA-LACTEO
ORIZA-OLEO
ORIZA-TONICA
ORIZALINA, tintura instantanea.
ESS-ORIZA, de todos os perfumes
O RIZA-HAY, agua de touador.
O RIZA-POWDER
O RIZA-VELOUTE.

Ultima Novidade
Productos especiales De **VIOLETTA de CZAR**
ESS-ORIZA SOLIDIFICADO, debaixo da forma de Lapis e Pastilhas de 12 Cabellos.
A varejo em todos os cabelleiros e casas de Perfumarias.
CAUTELA COM AS CONTRAFACÇÕES

"L'INCOMPARABLE" LAMPADA DE ALGIBEIRA
MARAVILHOSA PEQUENA
Muito pratica, bella, e não occupando in-
cumbra mais espaço do que um candeeiro.

MARTAIN, 19, Rue d'Enghien, PARIS

A Caixa completa:
30:95
outra idéias
muito bonitas.

ASTHMA E CATARRHO
CIGARROS ESPIC Em França
Concedidos por **25 CIGARROS**
Com os **25 CIGARROS**
Espeziosos, Tonsos, Comestiveis, e Nervinos
Fornecedores de Portugal e do Brasil. — PARIS, Venda por grosso
1, rue St-Louis, 10. Engrate este autographo sobre cada Cigarro

Ferro QUEVENNE *Além a aprovado pela Academia de Medicina de Paris.*
Cura Anemia, Fomeça do Sangue, Fomeça do Estomago, e do sangue de mulher.
Engrate em cada frasco de Ferro Quevenne o selo da "UNION DES PHARMACIENS", 14, r. Beaune-Arts, Paris.



O INCENDIO DE ALHAMBRA. — ARCADEA PRINCIPAL DA GALLERIA DA ENTRADA DO SALÃO DOS EMPAIXAADORES, E PATIO DE JOANA A LOUCA, DEPOIS DO INCENDIO.

LA SCIENCE AMUSANTE

Par TOM-TIT

115 Gravuras sobre madeira, 100 Experiências e Recreações scientificas qua podem facilmente ser reproduzidas em familia, sem apparatus, por meio de objectos que qualquer tem á mão.

Um bello volume in-8.º com cerca de 300 paginas.

Preço : brochado..... 3 fr.
Encadernado, com as
folhas jaspeadas..... 4 fr.
Encadernado, com as
folhas douradas..... 4 fr. 50

Livraria LAROUSSE, 15, 17 e 19, rue Montparnasse, Paris e em todas as livrarias.



LAROUSSE
GRANDE DICCIONARIO UNIVERSAL
A mais vasta das encyclopedias

Occupando lugar n'uma bibliotheca de mais de 17000 volumes. — 17 grossos volumes grande in-4.º entregues immediatamente. — 24400 paginas. — 3000 gravuras.
Preço brochado : 650 francos; encadernado, 750 francos.
O 2.º SUPPLEMENTO do Grande Dictionnaire universal (tomo 17), acaba de apparecer. E' o melhor de todos os Dictionnaires e de todas as encyclopedias.
Um grosso volume de 2700 paginas (25000 artigos d'actualidade). Brochado, 55 francos; encadernado, 80 francos.

ARITHMOGRAPHO TRONCET

Calculador mecânico instantaneo com instrucção permitindo operar seguramente depois de uma hora ou duas de exercicio. Muito util para tomar notas, effectuar ou verificar calculos.

Para as 4 operações até 10 milhões elegante aparelho-caderneira com capa em tela e titulo em ouro..... 4 fr.

O mesmo apparecchio unicamente para addição e subtracção..... 21 fr. 50

NOVO JORNAL

Vae apparecer brevemente em Lisboa um novo jornal politico, noticioso, absolutamente independente, de que é director o sr. **MARIANO PINA**. O novo jornal, feito sobre os melhores modelos da imprensa europeia e americana, sahirá á tarde, custando cada numero : 10 réis. Será collaborado por alguns dos mais distinctos publicistas do nosso paiz. — REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : RUA IVENS, 20. — LISBOA.

GUERLAIN DE PARIS
15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Agua de Colonia Imperial. — *Sapocetti*, sabonete de loçador. — Creme Jacobino (*Auribrotat Cream*) para a barba. — Creme de *Moranges* para amaciar a pelle. — Pódo (*Opifit*) para branquear a cutis. — *Stibila* cristalizada, para o cabelo e barba. — Agua *Alimentice* e *agua Lavant* para perfumar e limpar a cabeça. — *Marin Christian*. — *Pau Rosa*. — *Rosillete de Chitra*. — *Mellitropo bromen*. — *Imposigne de Paris*. — *Imperial Russa*. — *Rosillete de Brasil*, para o lenço. — Agua de Colonia Imperial *Ensaio*. — Agua de *Côra* e *agua de Chitra* para o loçador. — Alcoolato de *Cochlearia*, para a tosse.

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE contra dysenteria, diarrheas, gastralgias, acidez. — **GRAOS** de **BROMHYDRATO de QUININA BOILLE** contra neuralgias, febres, enxaquecas. Gota. — 46, r. BOURBON, PARIS, e 24...

LA CHARMERESSE

Pé refrigerante, o non plus ultra dos pés da belleza. A composição absolutamente nova do ponto de vista de hygiene, e sua fôrça, suavidade e a sua perfeita adherencia fazem recommendar o seu uso para as *péssas delinadas*. Refresca a pelle, dissipa a saudades, dá ao rosto a brancura polida, agradável e discreta do camellia e faz desaparecer sem por effeito todas as imperfeições (verruca, albugens, verruquitas, etc.) Para o brilho das unhas, baile ou capotacão, solisttem a **CHARMERESSE CONCENTRADA** e solidissima em *esbajo*, e muito adherente. **GRANDE NOVIDADE**. — **DOSEES**, inventor. Rua J.-J. Rousseau, n.º 1, Paris. — Em Lisboa: **GODFRAY**, Rua Garrett, 11; **BARRELL**, Rua Garrett, 78; **BARRELL** & Cia, Praça de S. Pedro (Rocio), e nas melhores farmacias de Lisboa e do Brasil.

Le Gérant : P. MOUILLOT.

PARIS. — IMPRIMERIE DE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.